

# ENSAIOS

## Os processos de criação s gnica em língua portuguesa

Terezinha Bittencourt  
(UFF-ABRAFIL)

### RESUMO:

Este trabalho visa a apresentar e discutir os processos linguísticos empregados, em língua portuguesa, para a cria o de novos signos, através das regras do sistema e da metáfora.

**Palavras-chave:** sistema, metáfora, criatividade

**Sign creation processes in Portuguese**

### ABSTRACT:

This work aims to present and discuss the linguistic processes used, in Portuguese language, to create new signs, through the rules of the system and metaphor,

**KEY WORDS:** system, metaphor, creativity

O linguista Eugenio Coseriu, em seu já clássico e monumental estudo, "Sistema, norma e fala"<sup>1</sup>, no qual faz uma análise percuciente e de longo alcance da chamada dicotomia saussureana *langue/parole*, aponta as insuficiências e contradi es encontradas, no que concerne aos referidos conceitos, na obra do mestre genebrino, e estabelece os dois níveis de formaliza o - norma e sistema -, partindo, para tanto, do falar concreto e, não, do nível abstrato da *langue*, contrariando, pois, nesse aspecto, a perspectiva sob a qual Saussure estabeleceu o conceito de *langue*.

Com o propósito de interpretar a referida dicotomia, Coseriu, fundamentando-se na afirma o de W. Humboldt de que a linguagem   *enérgeia* e, não, * rgon*, argumenta que isso deve ser interpretado, de conformidade com as ideias de Aristóteles, uma vez que Humboldt emprega as palavras técnicas do Estagirita e, não, as palavras *werk* (produto) e *t tigkeit* (atividade)<sup>2</sup>. Quer isto dizer que a linguagem deve ser entendida como atividade criadora ou livre, isto  , uma atividade cujo objeto   necessariamente infinito, em todas as suas formas. Considerar, pois, a linguagem como *enérgeia* implica considerar qualquer ato de fala um ato inédito de cria o absoluta, já que, em todas as

---

1- Coseriu, E. *Teoria da linguagem e linguística geral*: cinco estudos,

2- Coseriu, E. *O homem e sua linguagem*, p.22

situações de interlocução, há, por parte do falante e do ouvinte, complexas operações cognoscitivas, para a construção (por parte do falante) e reconstrução (por parte do ouvinte) – ou criação e re-criação -, do real através dos signos linguísticos e de suas relações com o contexto.

Na atividade linguística do quotidiano, o processo de criação não é percebido pelos interlocutores, porque, via de regra, fazem-se referências a elementos do real empírico previamente conhecidos por seus partícipes. Ademais, tais atos centram-se nas funções informativa ou apelativa da linguagem, - v.g. relatos de fatos, pedidos de informação ou de esclarecimentos – que, em virtude de sua própria finalidade, requerem uma única direção, ou melhor, necessitam que designação (relação dos signos linguísticos com o real), significado (conteúdo de língua) e sentido (conteúdo do discurso/texto) coincidam. Todavia, isso não quer dizer que não haja a criação de novos signos, pois, como já tivemos oportunidade de mostrar<sup>3</sup>, mesmo nos atos de fala banais do dia a dia, podem-se encontrar novas palavras, novas expressões criadas pelo falante e perfeitamente compreendidas pelo ouvinte e até por ele adotadas, já que o real extralinguístico que o instrumento verbal visa a apreender é sempre multifacetado e apresenta sempre perspectivas inéditas.

A linguagem é *enérgeia*, mas a criação linguística é sempre criação para o outro, estando, pois, a liberdade de criar novos signos cerceada pela dimensão da alteridade constitutiva da própria linguagem. Assim, para obedecer à finalidade comunicativa da linguagem, todos os novos signos são construídos de acordo com dois diferentes processos: a) com base em modelos previstos no sistema da língua (tradicionalmente conhecidos por “processos de formação de palavras”); b) através da metáfora ou criação por imagem.

Na língua portuguesa, o sistema admite três diferentes processos para a criação de novos signos: derivação, composição e decomposição. Na derivação, combinam-se a base (ou radical) com afixo e na composição e na decomposição, base com base. Exemplificando, com palavras recolhidas de diferentes tipos de texto (jornais, revistas, panfletos, cartazes): *buzinaço*, *tarifaço*, *camelódromo*, *corruptódromo*, *bicicleata*, *carreata*, *empichar*, *deletar*, *chocolatra*, *sucólatra* (palavras formadas por derivação); *caronavirus* (esta fantástica criação eu ouvi de um motorista de táxi que me explicou que o vírus contagiava, pegando “carona”, nas pessoas e, por isso, recebeu tal nome), *plandemia*, *fraudemia*, *silicosseio*, *propinoduto*, *showmício*, *privataria*, *democradura*, *fracassomaniaco*, *aborrescente* (palavras formadas por composição); *São Gonçalo* (município de São Gonçalo, Rio de Janeiro),

3- Bittencourt, T. “O estudo do léxico nas aulas de língua portuguesa”. In *Revista da Academia Brasileira de Filologia* n° XXV/2º semestre de 2020.

*Niquite* (município de Niterói), *Sampa* (cidade de São Paulo), *fusca, micro, Unimed, ONU, ABRAFIL* (palavras formadas por decomposição).

O recurso à metáfora para a criação de novos signos é altamente econômico, já que, diferentemente dos processos de criação por derivação e composição, com a criação por imagem não há necessidade de um novo significante, pois se aproveita um signo já em circulação e se lhe atribui um valor significativo suplementar. Dizendo de outro modo, na criação metafórica, uma palavra ou expressão que designa habitualmente determinado objeto passa a designar também outro diferente, sem perder a possibilidade da referência primeira. Encontram-se, assim, criações interessantíssimas feitas através desse processo, como as seguintes: *mala* (pessoa aborrecida), *orelhão* (telefone público), *aspirador* (pessoa viciada em cocaína).

Analisemos mais um exemplo, a fim de deixar clara nossa explicação. Recentemente, ouvimos de um colega, revoltado com a imposição do modelo produtivista que tomou conta das universidades brasileiras, obrigando o professor a aumentar quantitativamente o currículo com títulos de qualidade muitas vezes duvidosa, a expressão *catador de papel*, na seguinte frase: *Atualmente o professor é um catador de papel e, não, alguém cuja tarefa primordial é ensinar*. Ora, a expressão *catador de papel* só adquire valor metafórico (de “alguém que desempenha mecanicamente a tarefa de juntar papéis”), se a esse valor estiver vinculado o valor primeiro (de indivíduo que ganha a vida recolhendo papéis usados), de tal forma que, sem os dois valores condensados na expressão, o sentido da frase fica comprometido e sua expressividade se perde inteiramente.

Na metáfora, obedecendo-se, naturalmente, às regras previstas no sistema linguístico, não se criam propriamente formas novas, mas se aproveitam antigas formas, vinculando-se-lhes novos valores significativos, construídos através de imagens, associações subjetivas ou objetivas, fantasias feitas acerca de um dado objeto da realidade. Assim, a metáfora constitui um processo bastante econômico de se criarem novas unidades signícas, pois a realidade extralinguística sempre inédita e multifacetada de que os signos têm de dar conta é representada por expressões já existentes no sistema linguístico, que são aproveitadas, sendo reconstruídas apenas pelos novos valores que se lhes aderem.

Evidentemente que a justificativa para o processo metafórico na criação de palavras não reside primária e primeiramente na economia que lhe é inerente, mas no próprio caráter expressivo peculiar a tal processo. A linguagem é essencialmente atividade cognoscitiva, atividade através da qual o mundo é apreendido, representado, organizado e conhecido por meio de

significados. Estes, por seu turno, ao contrário da imagem que está sempre irreversível e indissolúvelmente ligada ao objeto que lhe deu origem (p.ex. a foto de uma pessoa está vinculado ao espaço de tempo em que tal objeto foi construído, refletindo, pois, a pessoa retratada naquele momento único de sua vida), são genéricos, multívocos, abrangendo de modo indiferenciado todo o universo. Por isso, o conhecimento linguístico, em virtude de determinadas circunstâncias próprias do ato concreto de fala, pode consubstanciar-se de maneira mais eficaz, se efetivar-se através de imagens, pois estas concretizam o objeto que, ao ser apreendido pelo significado, perde os traços peculiares de sua materialidade. É o que ocorre, por exemplo, com determinadas áreas da cultura de uma comunidade envoltas em proibições, crenças e tabus, como se dá, via de regra, com conceitos como morte, diabo, sexo, doença etc., para a designação dos quais se conta habitualmente com um número razoável de signos metafóricos, como ilustram as seguintes expressões referentes à morte: *comer aipim pela raiz, abotoar o paletó, vestir o pijama de madeira*; e referentes ao diabo: *bicho ruim, homem-da-capa-preta, pé-de-bode, caetana*.

A rigor, o processo de criação metafórica, em virtude da concretização de determinados conceitos, está de tal forma presente na atividade linguística, que preside, como mostra Pagliaro<sup>4</sup>, até mesmo à própria instauração do mundo dos deuses, que, na verdade, corporificam valores abstratos personificados. Por perceberem a força dessas imagens, ensina-nos o estudioso, é que, na Antiguidade, os romanos construíram templos à *Libertas*, à Fortuna Viril e Feminil e a tantos outros conceitos de menor monta e, na atualidade, os estadunidenses, lançando mão de análogo expediente, concretizaram o conceito vago, elástico e fluido de liberdade, na estátua gigantesca do porto de Nova Iorque, vinculando, assim, seu ideal de nação à referida ideia.

A criação metafórica, vale lembrar, embora ocorra com imenso vigor na obra literária, sobretudo na poesia, em decorrência do caráter dessa modalidade textual, cujo propósito é primariamente construir uma nova ordem semiótica, não se esgota nela. De fato, todo falante, em maior ou menor medida, utiliza o processo metafórico para, através das imagens envolvidas, apreender e categorizar determinados conteúdos cognoscitivos de forma a atribuir-lhes matizes de expressividade e alcançar efeitos comunicativos, para os quais a metáfora se apresenta como instrumento por excelência.

Entretanto, é certo que nem toda metáfora criada por um falante passa a circular entre os demais membros da comunidade, integrando, assim, o saber linguístico dos usuários, pois, para que isso ocorra, ou seja, para que o signo metafórico passe a pertencer à tradição linguística de uma comunidade,

4- Pagliaro, *A vida do sinal: ensaios sobre a língua e outros símbolos*, p.25.

transformando-se em *fait de langue*, além da maior ou menor expressividade apreendida pelo novo signo e que, portanto, o transforma numa unidade com valor comunicativo importante, intervêm outros fatores, entre os quais sobressaem o prestígio do criador e, de certo modo vinculado a tal prestígio, a possibilidade de divulgação da nova unidade.

Lembramo-nos de haver lido certa feita, acerca da curiosa origem da palavra *paquerar*, sem podermos afirmar se o fato tem ou não sustentação. Contava o ator Zé Trindade que apreciava caçar pacas e costumava fazê-lo sempre que a oportunidade aparecia. Segundo ele, para que a caçada tivesse êxito e o animal não fugisse, era necessário ficar, durante longo tempo, observando-o e tentando, de certa forma, seduzi-lo. Esse ato que antecedia o apresamento do animal o ator denominava *paquerar* e, evidentemente que associando a mulher, objeto da sedução, à paca, criou a expressão *paquerar*, para designar os atos que preparam ou indicam para o outro a intenção de aproximar-se para viver uma situação amorosa. A palavra, como todos os adolescentes da geração dos sessenta/setenta do século passado sabiam, caiu no gosto popular e passou a circular entre os jovens para designar justamente o ato de seduzir o outro, homem ou mulher. Atualmente, como costuma ocorrer com o léxico que cobre esse campo semântico, a palavra caiu em desuso, certamente porque a imagem que lhe deu origem desapareceu e foi substituída por outra de maior expressividade, conforme o sentimento do falante.

Entretanto, se podemos, na hipótese de o referido relato ser verdadeiro – encontrar o autor da criação da palavra *paquerar* e acompanhar sua trajetória até vê-la incorporada aos hábitos linguísticos de nossa comunidade, na maior parte dos casos isso não é empiricamente possível. Tal dificuldade reside tão-somente no caráter evanescente e transitório decorrente da oralidade dos atos de fala do cotidiano, tornando quase impossível, excetuando-se alguns poucos casos, chegar aos criadores de signos metafóricos. Assim, palavras e expressões metafóricas de largo emprego em nossa linguagem corrente, como *banana* (indivíduo fraco, incapaz de tomar decisões), *empada*, *pastel* (indivíduo sem expediente), *mula* (indivíduo encarregado de fazer o transporte de drogas ilegais), *periquita* (moça que se veste com roupas caras), *baba-ovo* (bajulador, como o já desgastado *puxa-saco*), *filé* (substituto do antigo *pão*, qualificativo para “homem bonito”), *chupeta do diabo* (cigarro), *vampiro* (indivíduo explorador), *perua* (mulher que se enfeita excessivamente), *loba* (mulher a partir dos quarenta anos), *piranha* (pregador de cabelos com múltiplas hastes), *avião* (mulher exuberante), *fritar* (destruir uma candidatura), *cozinhar* (enganar com promessas ilusórias), *queimar o filme* (destruir uma reputação), *cair a ficha* (dar-se conta de algo), *alugar um ouvido*

(falar incessantemente sobre tema desinteressante), *jogar conversa fora* (falar sobre assuntos sem importância), *dar uma carteirada* (empregar a posição de autoridade para obter algum tipo de favorecimento), *segurar a onda* (suportar determinada situação adversa), *fazer o ouvido de penico* (ouvir tolices), *laranja* (indivíduo encarregado de executar trabalhos proibidos, no lugar de outra pessoa), são expressões cunhadas pelos falantes com o objetivo nítido de dar caráter expressivo a conteúdos de consciência, o que fica comprovado com o fato de esses mesmos conteúdos já apresentarem uma designação na língua. Todavia, o uso intenso, além de provocar um desgaste, ocasionando a perda da expressividade, provoca também e em virtude mesmo desse desgaste a inserção da nova unidade na categoria de significado, com o esvaziamento da imagem e, para suprir tal lacuna, o falante cria nova designação.

Aliás, uma parte considerável de nosso vocabulário criou-se através do recurso às metáforas. Entre tais criações, vale lembrar as expressões construídas com imagens de partes do corpo humano, fonte inesgotável de fantasias, já que se constitui em ponto de referência para o que se encontra ao redor dos humanos. Sirvam de exemplos: *pé-de-mesa*, *pé-de-boi*, *pé-de-meia*, *pé-de-moleque*, *pé-de-valsas*, *pé-de-pato*, *pé-de-chinelo*, *pé-de-anjo*, *pé-rapado*, *pé-frio*, *pé-de-cabra*, *pé-de-atleta*, *pé-de-galinha*, *pé-de-página*, *mão-de-vaca*, *mão-boba*, *mão-branca*, *mãos-limpas*, *mão-de-ferro*, *mão-aberta*, *dente-de-coelho*, *dente-de-alho*, *cabeça-de-bagre*, *cabeça-de-melão*, *cabeça-de-prego*, *cabeça-de-ponte*, *cabeça-de-alfinete*, *cabeça-de-vento*, *braço do rio*, *braço de mar*, *braço-direito*, *olho-d'água*, *olho-de-boi*, *olho-do-furacão*, *olho-de-sogra*, *coração-da-terra*, *coração-de-ouro*, *coração de pedra*, *boca da noite*, *boca do mato*, *boca-de-caçapa*, *boca-de-privada*, *dedo-de-moça*, *dedo de prosa*, *dedo-duro*, *língua-de-cobra*, *língua-de-trapo*, *língua-de-sogra*, *seios da face*, *barriga-de-tanque*, *barriga d'água*, *cara-de-pau*, *costas-quentes*, *peito do pé*, *perna-de-pau*, *orelha-de-livro*, *nariz-de-cera*, *cabelo nas ventas*, *cabelo-de-anjo*, *folha-de-rosto*, *unha-de-fome*, *umbigo da terra*, *dor-de-cotovelo*, *umbigo do mundo*.

A lista, naturalmente, não é exaustiva e só leva em conta as criações feitas em sincronias mais recentes, pois, se retrocedermos no tempo e investigarmos mais atrás, encontraremos nomes metafóricos, com a imagem já esmaecida pelo uso, para designar muitas partes de nosso corpo, como *músculo* (ratinho), *úvula* (campainha), *menina-dos-olhos* (pupila), *perna* (presunto) etc.

Saindo da esfera do corpo, é curioso observar as imagens que presidiram à criação de palavras como *humildade* (do latim *humilis*, aquele que é da terra), *escravo* (indivíduo proveniente da etnia eslava, imagem

criada em decorrência do grande número de pessoas daquela origem que, numa determinada época, foram escravizadas), *verde* (*viride*, do latim, com o significado de vigoroso, jovem), *preto* (do latim *pressus*, *apertar*), *vermelho* (do latim *vermiculus*, “pequeno verme”, referência à cochonilha). Tais imagens, apagadas em virtude da natureza do processo significativo, podem, com um pouco de esforço reflexivo, ser recuperadas, permitindo-nos ver a fantasia criadora que orientou seu nascimento.

A enumeração, é claro, pode prosseguir indefinidamente, pois, a qualquer momento, podemos ser surpreendidos por alguém que *nos solte os cachorros*, por ter *perdido as estribeiras*, fazendo uma *tempestade num copo d’água* e, para *não darmos com os burros n’água*, é sempre bom evitar que *qualquer dá cá aquela palha* se transforme na *gota d’água*; pois, realmente, ninguém tem *sangue de barata* nem é uma *mosca morta* e, se a vida não é um *mar de rosas*, temos de aprender a *carregar a nossa cruz*, sem ficar *dando murro em ponta de faca* ou *malhando em ferro frio*, já que a *estrada da vida* nos conduz invariavelmente à *terra dos pés juntos*.

As palavras, todavia, existem para serem usadas e reside justamente nessa circulação permanente, nesse uso múltiplo que dela fazem os falantes nos mais diversos atos de fala a causa de seu desgaste expressivo, com a consequente desvinculação ou apagamento da imagem criadora que lhes serviu de origem. Assim, por exemplo, nenhum falante, na atual sincronia do português, identifica nas palavras *candidato* e *fracassar*, respectivamente os significados de *postulante a um cargo público que trajava vestimenta clara, para simbolizar a pureza de suas intenções*; *quebrar*; *partir*.

Do mesmo modo, atualmente, ninguém dá o nome ao filho de *Vítor* ou de *Félix*, para, como os romanos da Antiguidade faziam, tentando ignorar a arbitrariedade do signo, atrair bons auspícios para seu destino. Entretanto, continuamos a seguir de perto os antigos nesse tortuoso caminho de superar a convencionalidade das palavras e, se já não vemos mais, num indivíduo de nome *Claudio*, alguém que manca ou claudica, nos apelidos continuamos a procurar incessantemente formas de atribuir a pessoas determinadas qualidades encontradas nas coisas, a fim de manifestarmos nossas sensações fantasiosas através de criativas associações, como ilustram essas alcunhas, com as quais alguns jovens de um determinado grupo social designavam seus colegas: *Bueiro*, *Três Bifes*, *Cabelo de Samambaia*, *Charuto*, *Tatu*, *Roseira*, *Barril*, *Boca de Sandália*, *Cocada*, *Formiga*, *Ratão*, *Rapadura*.

Os jovens, aliás, são grandes criadores de signos metafóricos e essa capacidade que todos possuem deveria ser aproveitada nas aulas de língua materna, para que os alunos usassem a metalinguagem – reflexão sobre a própria

linguagem – tão cara aos currículos de língua portuguesa, de maneira proveitosa e interessante, diferentemente da metalinguagem mecânica, utilizada, via de regra, como mero exercício de memorização de regras prescritivas, esquecidas tão logo o aluno sai do espaço escolar. Seria a metalinguagem criativa, ou seja, a reflexão que permite ao aluno perceber as regras constitutivas de seus discursos e as possibilidades que o sistema de sua língua lhe oferece para criar novas palavras e, conseqüentemente, novos mundos. Desse modo, a leitura de textos literários seria de fundamental importância, já que neles, como se pode constatar facilmente, a criação de novos signos com as regras do sistema ou com a imagem metafórica é permanente.

É certo, ademais, que determinadas áreas do convívio social exigem, em virtude de encerrarem um aspecto eminentemente pragmático, ou seja, da finalidade precípua de levar o outro a agir de certa maneira, para que o efeito manifestado no discurso seja mais eficaz, exigem a criação de novas unidades metafóricas a todo momento. É o que se verifica, por exemplo, nos discursos produzidos no âmbito da política, dos movimentos sindicais, das agremiações estudantis. À guisa de ilustração, vejamos as frases abaixo, retiradas do jornal de determinado sindicato: “A luta continua”, “O projeto de privatização da previdência social tem por objetivo *injetar* recursos no mercado dos fundos de pensão”; “Servidores reforçam mobilização: *batalha* no Senado continua”; “Graças às greves, a universidade pública, apesar de tantos *ataques*, ainda está *de pé*”.

Achamada “etimologia popular” é outro processo de criação de palavras que, de certa forma, apresenta fortes vinculações com o recurso de criação metafórica, por envolver também a criação por imagem. Para compreendermos sua natureza, é preciso investigar a própria atividade linguística concreta, na qual dois sujeitos – falante e ouvinte – e seus respectivos saberes linguísticos e extralinguísticos interagem. Tal processo ocorre, como ensina Carvalho<sup>5</sup>, da seguinte forma: A tem a intenção de manifestar determinado conteúdo para B e, para tanto, organiza a realidade em signos; tais signos, ao chegarem a B, são por ele primeiramente re-conhecidos (=conhecidos outra vez) através de uma operação que consiste em identificar no material sonoro percebido e no conteúdo intelectual a ele agregado um signo linguístico anteriormente conhecido. Identificado o objeto, B esforça-se por apreender a designação ou referência dos signos percebidos, ou seja, tenta alcançar a intenção comunicativa de A, no que concerne àquela situação especial. Ocorre, porém, que, tanto na primeira fase – a do reconhecimento – quanto na segunda – a da compreensão e interpretação -, pode haver um desacordo entre o que estava

5- Carvalho, J.G. Herculano de, *op.cit.* p.114-115

na intenção de A ao comunicar e o que de fato B entendeu e interpretou. Tal desacordo pode afetar quer a forma material quer o seu conteúdo significativo, quer ambos ao mesmo tempo.

Imaginemos, por exemplo, uma situação – na realidade, por nós presenciada – em que A diga a B a seguinte frase: “A greve dos professores já se tornou um fato contumaz, todo ano é a mesma coisa: o governo não paga o que deveria pagar, os professores param de trabalhar e os alunos ficam prejudicados”. B não reconhece em seu arquivo linguístico a forma *contumaz*, porém, em virtude de conhecer o contexto verbal e situacional em que ela foi empregada, percebe imediatamente o significado e a apreende de conformidade com outra forma linguística, *costumaz*, que apresenta semelhança de forma e de conteúdo com a palavra desconhecida e com outra pertencente a seu saber, *costume*, ajustando-se perfeitamente ao sentido da frase. Pode, a partir daí, empregá-la desse modo para outros interlocutores que, em decorrência das mesmas razões, passem a utilizá-la com a nova forma material, na qual percebem um objeto anteriormente conhecido.

Muitas palavras e expressões foram criadas através de tal mecanismo, como *barriguilha* (braguilha), *camapé* (canapé), *praiamar* (preamar), *cuspidor e escarrado* (insculpido e encarnado) e algumas importadas de outras línguas e recriadas pelo mesmo processo, como *pommi dei mori* (maçã dos mouros, em italiano), transformada em português, francês e alemão em *maçã do amor*.

A chamada etimologia popular continua produzindo novas formas e expressões, na atual sincronia, que podem ou não ser incorporadas ao saber linguístico dos falantes. Recolhemos algumas palavras e expressões, em atividades linguísticas do cotidiano, muito interessantes, por mostrarem as relações que os usuários da língua estabelecem entre os signos e as coisas a que eles se referem, e as interpretações peculiares que, em virtude de tais relações se manifestam: *raio ultra-violento* por *raio ultra-violeta*, *linguagem de baixo escalão* por *linguagem de baixo calão*, *situação periquitante* por *situação periclitante*, *aviso em brévio* por *aviso prévio*, *não ter cacique* por *não ter cacife*, *o arrotado falando do esfarrapado* por *o roto falando do esfarrapado*, *toxicoplasmose* por *toxoplasmose*, *médico gástrico* por *médico gastro*, *pipopó* por *quiproquó*, *usucampeão* por *usucapião*, *estuporose* por *osteoporose*, *quartel de Medelín* por *cartel de Medelín*, *cigarro de baile* por *cigarro de Bali*, *formol de pastilha* por *formal de partilha*.

Vale ainda apresentar um último exemplo, formado através do mesmo processo explicado, encontrado num folheto de propaganda de aluguel de casa para festas e eventos. Na descrição dos cômodos, arrolavam-se salões, camarotes e *toalhetes*, designação formada a partir da palavra francesa *toilette*.

Ora, a incorporação de palavras oriundas da língua francesa é, atualmente, nula, de modo que, ao ouvir a palavra *toilette*, o falante, por não ter mais contato com unidades da referida língua, associou-a à palavra *toalha*, objeto sempre presente nos banheiros e cuja forma material se assemelha à de *toilette*, criando, pois, uma nova unidade.

*Minhocas arejam a terra; poetas, a linguagem*<sup>6</sup>, ensina-nos nosso poeta pantaneiro. De fato, a função de *arejar a linguagem* com novas palavras cabe, por definição, ao poeta, cujo ofício é o de criar novos universos significativos. Todavia, a tarefa de apreender novos conteúdos de conhecimento através da objetivação em novas formas linguísticas não fica restrita ao fazer poético, pois, como ficou visto, apresenta-se nos atos de fala do cotidiano, imposta aos falantes pela necessidade de manifestar suas intuições sempre inéditas, de maneira expressiva, a fim de obter maior eficácia na complexa atividade de chegar até o outro, usando a intermediação dos signos linguísticos.

Acompanhar o nascimento de um signo, quer através da investigação das regras do sistema aplicadas pelo falante, quando a criação se dá pelos chamados processos de formação de palavras, quer através da imagem criadora que lhe deu origem, quando a criação ocorre pelo recurso à metáfora, permite-nos apreender a essência do fascinante fenômeno da linguagem, pois cada palavra revela, no ato de sua criação, a capacidade fantástica do ser humano de transpor para o mundo dos símbolos a experiência sensível, fixando-a nas formas linguísticas. Assim, cada signo criado constitui uma interpretação original do mundo, tornando a realidade sempre nova, sempre diversa e singular em relação ao momento anterior, porque vista sob as diferentes e múltiplas perspectivas permitidas pelo sinal linguístico. Essa necessidade permanente dos humanos de revelar o mundo sempre sob aspectos diferentes talvez possa ser explicada por seu eterno desejo de atribuir beleza e fantasia a tudo o que está a seu redor, ou ainda porque, como diz o nosso exímio fazedor de sonhos, a melhor *maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distâncias e lembranças, é botando enchimento nas palavras. É botando apelidos, contando lorotas. É, enfim, através das vadias palavras, ir alargando nossos limites*<sup>7</sup>.

Para “alargar nossos limites”, não há texto que se compare ao texto literário, o texto por excelência, por ser o espaço da liberdade quase absoluta de criação linguística. Por isso, é necessário e urgente que os professores de língua materna retornem à antiga prática de com ele trabalhar – prática

---

6- Barros, Manoel de. *Livro de -pré-coisas*, p.15

7- *Id.*, *ibid.*, p.33-34

exercitada outrora pela leitura e discussão dos textos das antologias e seletas<sup>8</sup> -, sobretudo no espaço de sala de aula. Essa prática torna-se nefasta, quando o docente destrói o texto literário, ao tomá-lo como pretexto para ensinar regras gramaticais. Mas é saudável, criativa e sublime, quando o texto chega ao aluno como descoberta de novos signos, novas construções, nova cosmovisão.

### Referências Bibliográficas

BITTENCOURT, Terezinha. “O estudo do léxico nas aulas de língua portuguesa”. In *Revista da Academia Brasileira de Filologia* n° XXV/2º semestre de 2020, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Filologia.

BARROS, Manoel de. *Livro de pré-coisas*. 2ªed., Rio de Janeiro: Record, 1997.

CARVALHO, J. G. Herculano de. *Estudos linguísticos*. Coimbra: Atlântida, 1969.

COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

\_\_\_\_\_. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

PAGLIARO, Antonino. *A vida do sinal: ensaios sobre a língua e outros símbolos*. 2ª ed., Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.

---

8- Na Universidade Federal Fluminense, minhas colegas, Sonia Monnerat Barbosa, Professora de teoria da literatura, Ceila Martins, Marina Rodrigues, Professora de crítica textual e eu, desenvolvemos um ambicioso projeto de pesquisa – ambicioso, porque envolverá três áreas distintas do conhecimento: teoria da literatura, linguística e crítica textual - cujo propósito é o resgate das antologias. Para tanto, procederemos à seleção de textos de literatura de língua portuguesa, ou seja, textos produzidos não apenas por autores brasileiros, mas também por autores africanos e portugueses, a fim de que os alunos possam ter acesso à produção literária de língua portuguesa e conhecer, assim, a obra de autores que construíram nossa identidade cultural.